

A escola para todos e para cada um

AUGUSTO GALERY (ORG.)



A ESCOLA PARA TODOS E PARA CADA UM
Copyright © 2017 by Augusto Galery
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Santana**

Imagem de capa: **Dreamstime**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
José Pacheco	
INTRODUÇÃO	9
1 ESCOLA CONTEMPORÂNEA: UM SAPATO PESADO?	13
Edith Rubinstein	
2 O QUE É (E O QUE NÃO É) INCLUSÃO	31
Augusto Galery	
3 A LEI NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	41
Augusto Galery	
4 A MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	55
Patrícia Vieira	
5 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO	63
Patrícia Vieira	
6 DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DA DIVERSIDADE	73
Deigles Giacomelli Amaro	

7	A DIVERSIDADE NAS QUESTÕES COM O APRENDER	85
	Andreia Pinto	
8	TRANSFORMAR E INOVAR PARA UMA ESCOLA PARA TODOS	115
	Edith Rubinstein	
9	PRÁTICAS EDUCACIONAIS ARTICULADAS PARA O DESENVOLVIMENTO E O APRENDIZADO DOS ALUNOS	149
	Deigles Giacomelli Amaro	
10	TECNOLOGIA ASSISTIVA E AJUDAS TÉCNICAS	161
	Augusto Galery	

Prefácio

NÃO É NOVIDADE PARA ninguém que os projetos humanos contemporâneos não se coadunam com as práticas escolares que ainda temos. Eles carecem de um novo sistema ético e de uma matriz axiológica clara, baseada no saber cuidar e na convivência com a diversidade. Requerem que abandonemos estereótipos e preconceitos; exigem a transformação de uma escola obsoleta numa instituição de oportunidades amplas de ser e de aprender. Urge humanizar a educação, concebendo novas construções sociais de aprendizagem nas quais se concretize a educação integral – além de constituir redes de aprendizagem que promovam desenvolvimento humano sustentável.

Diz-nos Maturana que a educação acontece na convivência. Se a modernidade tende a remeter-nos para uma ética individualista, nunca será demais falar de diálogo e participação como condições de aprendizagem. As escolas carecem de compreender suas necessidades e, acima de tudo, a figura do professor. Não há inclusão na solidão do professor em sala de aula. Nem na do aluno, metade do dia enfileirado, vigiado, impedido de dialogar com o colega ao lado, e a outra metade diante do televisor, de uma tela de computador ou de um celular. A inclusão depende da solidariedade exercida em equipes educativas e só tem sentido no quadro de um projeto local de desenvolvimento consubstanciado numa lógica comunitária, algo que pressupõe uma profunda transformação cultural.

O professor deve sair de si (necessidade de se conhecer); sair da sala de aula (necessidade de reconhecer o outro); sair da esco-

la (necessidade de compreender o mundo). Porque o *ethos* organizacional de uma escola depende da sua inserção social, de relações de proximidade com os outros atores da sociedade.

Também é requisito de inclusão o reconhecimento da imprevisibilidade de que se reveste todo ato educativo nas dimensões cognitiva, afetiva, emocional, física e sociomoral.

Já na Grécia de milhares de anos atrás, havia quem acreditasse que os seres humanos eram capazes de buscar – em si próprios e em outros – a perfeição. Talvez por isso, Augusto Galery e seus companheiros, neste livro, insistam em focar a realidade com olhos que veem muito além da aparência das coisas.

Partindo de experiências práticas e de pesquisas de ponta, os autores apresentam ideias e caminhos para a verdadeira inclusão.

Bem hajam!

JOSÉ PACHECO

Educador, pedagogo e pedagogista, mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Introdução

NO INÍCIO DO SEGUNDO semestre de 2015, Edith encontrou Andreia, Augusto, Deigles e Patrícia para que, juntos, pudessem organizar e realizar um curso para professores e outros profissionais que atuavam diretamente nas escolas. Ela estava muito inquieta e movida pela inconformidade de atender, em sua clínica psicopedagógica, tantos adolescentes e crianças trazidos pelos pais ou indicados por médicos ou pela escola para que alguma coisa fosse feita – de preferência, um “milagre” – e eles pudessem finalmente “aprender”.

“Mas, ora, a escola não é um espaço institucional para aprender?” Essa é uma das primeiras questões que surgem quando se reflete sobre várias situações observadas no cotidiano escolar. Outras perguntas, tidas como fio condutor das necessidades formativas no curso que foi chamado de “Escola para todos e para cada um”, eram:

- Por que se observa a necessidade de diagnosticar e medicalizar tantas crianças e adolescentes para justificar uma “não aprendizagem do aluno”?
- Que aprendizagem esperada é essa que não acontece na escola?
- Por que o aluno¹ não é considerado sujeito nem respeitado em suas necessidades de aprendizagem?
- Quem são os alunos de “inclusão” e por que eles, muitas vezes, são considerados “vasos” na escola?

1. Usaremos o gênero masculino nos capítulos deste livro para designar alunos, educandos e professores, a fim de que a leitura seja mais fluida. Entretanto, enfatizamos que o gênero feminino está presente o tempo todo.

- O que pode ser feito para que isso não aconteça?
- Inclusão diz respeito apenas aos alunos “com problemas”, deficiências ou transtornos?
- O que a legislação educacional prevê a fim de atender a todos num sistema inclusivo?
- Que práticas educacionais têm sido realizadas para atender aos alunos que não reagem de acordo com o “esperado para a maioria”?
- Como se compreendem o desenvolvimento e a aprendizagem e o processo de avaliação na escola?
- Como se dá a mediação nos processos de aprendizagem?
- A diversidade de tempo, espaço, materiais, objetos e procedimentos tem sido considerada?
- Que recursos e procedimentos podem ser utilizados para favorecer a remoção de barreiras à aprendizagem?
- Por que a escola é, ainda, um “sapato pesado”?

Logo no início de nosso trabalho, percebemos que todos os temas que vínhamos desenvolvendo precisavam ser objeto de estudo e reflexão dos envolvidos em contextos educacionais e poderiam ser organizados em textos – e, por que não, em um livro. Augusto logo idealizou essa possibilidade, que foi muito bem-aceita por todos nós, professores.

Assim nasceu este livro, que recebeu o mesmo nome do curso por entendermos que *a escola para todos é um direito universal de qualquer criança e adolescente*, que só será garantido se ela se voltar para cada aluno.

Os textos que aqui se encontram foram subsidiados por estudos e experiências profissionais de cada um de nós, alimentados pela genuína intenção de contribuir para que tenhamos crianças, adolescentes, jovens, adultos... sujeitos que aprendam na escola com prazer, alegria e sentido – tendo ou não deficiência, transtorno ou qualquer outra privação cultural e/ou social.

Nossas preocupações sobre como a escola tem sido um fardo para o estudante levou Edith Rubinstein a escrever o capítulo

“Escola contemporânea: um sapato pesado?” No texto, ela reflete sobre as práticas que produzem um desconforto excessivo dos alunos diante da educação, contrapondo tais práticas com uma visão que poderia originar uma escolarização democrática.

Em seguida, Augusto Galery busca mostrar, no capítulo “O que é (e o que não é) inclusão”, os paradigmas que influenciam a visão da sociedade na participação de seus cidadãos, explorando as diferenças entre exclusão, segregação, integração e inclusão para esclarecer por que os três primeiros modelos não garantem uma escola para todos e para cada um.

Esse foi o caminho adotado na legislação e nas políticas públicas nacionais de educação, tema discutido no capítulo seguinte, “A Lei na perspectiva da inclusão”, em que Augusto analisa a importância da política nacional como ponto de referência de práticas e na aceitação da diferença em nível psicossocial.

No capítulo “A medicalização na educação”, Patrícia Vieira reflete sobre uma das consequências do paradigma médico na compreensão dos distúrbios escolares, discutindo a subordinação da escola à lógica médica.

Já em “A constituição do sujeito e sua importância na educação”, Patrícia resgata a teoria psicanalítica de desenvolvimento para possibilitar uma prática mais próxima do sujeito aprendente, fazendo-nos refletir sobre o papel do investimento do professor em seus alunos e seus impactos nas possibilidades pedagógicas.

Em “Desenvolvimento, aprendizagem e avaliação na perspectiva da diversidade”, Deigles Amaro, com base em autores como Piaget, Vigotski, Wallon, Winnicott e Freud, afirma que o processo de construção cognitiva acontece quando o sujeito se apropria da aprendizagem e participa ativamente desse processo. A diversidade só será respeitada, nesse sentido, quando o estudante se tornar parte atuante da aprendizagem.

Diversidade também é o tema de Andreia Pinto, no capítulo “A diversidade nas questões com o aprender”. Utilizando o jogo e a Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM) como ferr-

mentas no trabalho em sala de aula, a autora apresenta dois estudos de caso cuja mediação e flexibilização de materiais e procedimentos contribuem para identificar aspectos significativos no ensino e na aprendizagem.

Repensar a escola por meio de propostas inovadoras, questionando e ressignificando práticas e conteúdos – como a avaliação e o uso da criatividade – é a proposta do capítulo “Transformar e inovar para uma escola para todos”, de Edith. A autora aprofunda o conceito de experiência de aprendizagem mediada de Feuerstein para apoiar o educador que aceita o desafio de explorar a diversidade em prol da educação.

Em seguida, Deigles aborda as relações entre o conteúdo curricular e o significado da educação para os sujeitos aprendentes, o que significa respeitar os estudantes e ser flexível. No capítulo “Práticas educacionais significativas para o desenvolvimento e o aprendizado dos alunos”, a autora propõe investir nas relações com as pessoas, com o espaço, com o tempo, com os objetos/materiais e com as atividades para favorecer o desenvolvimento de novas práticas educacionais.

Por fim, no capítulo “Tecnologia assistiva e ajudas técnicas”, Augusto discute como a tecnologia assistiva pode ser adotada nas escolas a fim de facilitar as relações de comunicação entre estudantes com necessidades específicas, seu processo de aprendizagem e a comunidade escolar.

Os capítulos que compõem esta obra são autônomos mas, ao mesmo tempo, complementares. Afinal, tratam de vários aspectos que precisam ser articulados quando intencionamos uma escola para cada aluno. Convidamos o leitor a se “afetar” ao ler cada linha e a se mobilizar para que o sentido de escola para todos e para cada um seja vivido, de fato, nas escolas.

Com muito carinho,

OS AUTORES

1. Escola contemporânea: um sapato pesado?

Edith Rubinstein

INTRODUÇÃO

MINHA REFLEXÃO VISA APROXIMAR-SE do tema “a escola para todos e cada um” por meio do desconforto excessivo que o estudante enfrenta diante da escolarização. Numa conversa ocasional e coloquial recente, a mãe de uma paciente atendida dez anos atrás, quando tinha 7 anos, disse lembrar-se do que eu havia lhe dito na ocasião: “A escola não deve ser um sapato pesado”.

Pessoalmente, considero esse tipo de desconforto responsável pela “fabricação” de parte significativa das dificuldades de aprendizagem, bem como dos conflitos presentes na relação entre família e escola.

Falo agora como psicopedagoga e terapeuta familiar que lida cotidianamente com as questões do aprender no contexto da escolarização e fora dele. Hoje, transito em três espaços: clínico; didático, na formação continuada de profissionais e institucional. Em todos eles, tenho tido a oportunidade de escutar questões direta e indiretamente envolvidas com o aprender e a escolarização. Esse percurso privilegiado favorece a construção de um “laboratório de escuta” dos possíveis desafios e conflitos que podem em parte explicar o modelo de “escola: sapato pesado”.

Uma ressalva importante: é preciso distinguir o “desconforto excessivo” que relaciono com o título da minha reflexão do desconforto pertinente ao processo de escolarização. Esta demanda dois movimentos: resignação e ressignificação (Fernandez, 1990;

Paín, 1985a, 1985b). Para aprender, é preciso resignar-se, isto é, aceitar o esforço; suportar frustrações; reconhecer a demanda do outro; postergar as satisfações; aceitar ter de recomeçar. Mas, sobretudo, é preciso também ressignificar simbolicamente a resignação e o desconforto. Resignar e ressignificar são duas faces de uma “moeda de troca” para o almejado amadurecimento mental humano, o qual independe da idade cronológica.

Escolho três temas para refletir a respeito da escola “sapato pesado”: 1) condições para a aprendizagem humana; 2) condições para uma escolarização funcional; 3) possíveis razões para explicar a característica de “sapato pesado” da escola.

CONDIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM HUMANA

Aprender é parte da condição humana, é seu órgão de sobrevivência, como diz a psicanalista e psicopedagoga Sara Paín. Diferentemente dos animais, que já trazem no organismo as condições de sobrevivência necessárias, os humanos precisam aprender com outros mais experientes as regras e condições para dominar a natureza.

Trocmé (2005, p. 13), linguista francesa, prefere o termo “saber-aprender” a “aprender a aprender” para sublinhar o fato de que “nascemos para aprender”, pois “o ser humano é dotado, ao nascer (e mesmo antes de nascer), de um potencial de aprendizagem, ou seja, de adaptação e de organização”. Ela analisa metaforicamente a condição humana de “ser perguntador/questionador”. Aprender se relaciona com o não saber, mediante o questionar.

A condição de aprender para sobreviver, aparentemente natural, demanda uma relação afetiva com outro ser humano, que transmite uma tradição e as ferramentas para fazer laços sociais. Essa relação auxilia o sujeito da aprendizagem a transitar pelos desafios da vida com mais tranquilidade, apesar do mal-estar próprio da experiência de viver em sociedade. Paín